

OPERAÇÃO LAVA JATO

CARTEL ESCOLHEU PRÉDIO EM VITÓRIA PARA ESQUEMA

Nova delação reforça suspeitas sobre sede da Petrobras no ES

✉ **VINÍCIUS VALFRÉ**
vpereira@redgazeta.com.br

As empreiteiras que construíram a sede da Petrobras, na Reta da Penha, em Vitória, ganharam a licitação porque se organizaram em um cartel, que repartiu de maneira criminosamente entre empresas do esquema outras duas obras da estatal. Também foram alvo do conluio que simulava concorrência o Centro Integrado de Processamento de Dados (CIPD) e o Centro de Pesquisas da Petrobras (Cenpes), ambos no Rio de Janeiro.

As conclusões são do Ministério Público Federal no Paraná e foram acolhidas pelo juiz federal Sérgio Moro. O cartel motivou a deflagração da 31ª etapa da Lava Jato, ontem, denominada "Abismo". Nesta etapa, a força-tarefa mirou apenas as fraudes no Cenpes. Foram expedidos cinco mandados de prisão, 23 de busca e apreensão e sete de condução coercitiva.

As investigações foram corroboradas por acordo de leniência da empresa Carioca Engenharia e por delações premiadas de seus dirigentes.

Em declarações prestadas em 15 de março deste ano, o diretor da empresa



RICARDO MEDEIROS

A sede da Petrobras em Vitória já foi tema de várias matérias de A GAZETA

Roberto José Teixeira Gonçalves confirmou as negociações fraudulentas. Ele disse que participou de reuniões que definiram quais empresas ficariam com cada empreendimento.

Outro diretor, Luiz Fernando dos Santos Reis, foi ouvido no mesmo dia. "Os convites foram enviados para um número reduzido de empresas, que faziam

parte do cadastro de categoria A da Petrobras. Essas empresas fizeram um ajuste entre elas, formando os seguintes consórcios para cada obra (...) Os objetivos dessas reuniões eram dividir as empresas em grupos de consórcios e montar os grupos de trabalho que iam orçar cada obra. Após a divisão, cada consórcio se reunia sepa-

radamente", declarou.

A obra da sede em Vitória foi vencida pelo consórcio formado por Odebrecht, Camargo Corrêa e Hochtief (OCCH). A do CIPD por Andrade Gutierrez, Mendes Júnior e Queiroz Galvão. A licitação do Cenpes foi vencida pelo grupo formado por OAS, Schahin, Construbase e Carioca.

"As afirmações dos exe-



cutivos da Carioca são plenamente corroboradas quando confrontadas com os dados dos procedimentos licitatórios das três obras envolvidas, confirmando que todas tiveram início entre os anos de 2006 e 2007, que tiveram lista de convidadas bastante semelhante, quando não idêntica, e, sobretudo, que os resultados correspondem exatamente aos

acordados pelo cartel", diz a representação do MPF

Não é a primeira vez que o consórcio OCCH aparece na Lava Jato. Em junho de 2015, foi apontado que o grupo pagou propina para obter aditivos. Essa acusação, aliás, reforçou a decisão de Sérgio Moro que prendeu a cúpula da Odebrecht. A empresa é a líder do consórcio e não quis se manifestar sobre a operação de ontem.

O edifício em Vitória tinha custo estimado de R\$ 90 milhões. Na licitação, subiu para R\$ 436,6 milhões, foi contratado por R\$ 486,1 milhões. Após diversos aditivos, o preço final foi R\$ 567,4 milhões.

Com relação à sede de Vitória, a Petrobras informou, em nota, que apurações foram concluídas e medidas disciplinares adotadas. "Conforme reiteradamente reconhecido pelas autoridades brasileiras que conduzem a Operação Lava Jato, a companhia foi vítima de um cartel. A empresa está colaborando sistematicamente com as investigações e adotando as medidas necessárias para a reparação dos prejuízos que sofreu em decorrência da atuação criminosa desse cartel", diz o texto.

Terminal de Barra do Riacho é citado

✉ Um dos sócios da Carioca Engenharia, Ricardo Pernambuco afirmou, em sua delação premiada, que houve "cobranças de vantagens indevidas" em quatro obras da Petrobras realizadas pela empresa. Uma delas é o Terminal de Barra do Riacho, em Aracruz.

Após 48 aditivos, o terminal custou R\$ 895 milhões, sendo que o custo inicial era de R\$ 485 milhões.

Essa era uma das quatro obras da Carioca Engenharia entre 2008 e 2012 junto à Petrobras. Além dessa, participou do Cenpes, no Rio, do Gasoduto Coari-Manaus, no Amazonas, e do píer de GNL, também no Rio.

Todas eram ligadas à Diretoria de Serviços da estatal, departamento comandado por Pedro Barusco.

"Em todas essas obras houve a cobrança de van-

tagens indevidas", disse Pernambuco, em sua colaboração premiada, em outubro de 2015, que veio à tona ontem.

O empresário disse, ainda, que as vantagens indevidas variavam entre 0,5% e 1% do valor das obras. Parte dos pagamentos, segundo ele, foram feitos pelo exterior a Mario Goes, operador de Pedro Barusco. No depoimento, ele citou dois paga-

mentos em março de 2013, nos valores de US\$ 711 mil e US\$ 851 mil.

Não é a primeira vez que o Terminal de Barra do Riacho aparece na Lava Jato. Segundo Sérgio Machado, executivo da Mendes Júnior, o doleiro Alberto Youssef recebeu R\$ 5 milhões em propina, na obra. O próprio Mario Goes já havia confirmado a existência de propina no terminal, em depoimento.



DIVULGAÇÃO/MENDES JÚNIOR

Terminal Aquaviário Barra do Riacho fica em Aracruz